

## JOÃO HENRIQUE BÖHM.

### O fundador do Exército Brasileiro.

---

Durante a Guerra dos Sete Anos, quando em 17 de agosto de 1761 as potências sob os Bourbons — França, Espanha e Parma — firmaram o chamado Pacto de Família para quebrantar o poderio inglês, exigiram por uma espécie de ultimatum a Portugal, aliado da Inglaterra, que fizesse parte desse Pacto, e acabaram por declarar guerra à nação insular, com a qual a França já em 1756 disputava a hegemonia mundial. Ante a recusa de Portugal, passou esse país a ser considerado inimigo da França e da Espanha. Em 30 de abril de 1768, as tropas espanholas deram início à invasão de Portugal, na esperança segura de que, em curto lapso de tempo, haveriam de conquistar todo o território lusitano com os seus portos, que serviam de bases às forças navais inglesas. Como Portugal não dispusesse praticamente de um exército, já contava o próprio Ministro português, Conde de Oeiras, posteriormente Marquês de Pombal, com a próxima queda de Lisboa, pelo que, nessa eventualidade, já providenciara para que ficassem aprestados os navios que deveriam transportar a Côrte para Belém do Pará, na embocadura do Amazonas.

Entretanto tal não se verificou; aconteceu 45 anos mais tarde, quando da invasão das tropas napoleônicas. Por um lado verificou-se, então, que o exército espanhol não estava apto para a guerra, a despeito da superioridade numérica e técnica, e, por outro lado, a Inglaterra enviara tropas auxiliares e material bélico. Decisiva também foi a providência preconizada pelo rei da Inglaterra de que as forças portuguesas ficassem sob o comando do Conde Imperial Alemão Governante Frederico Guilherme de Schaumburg-Lippe, que conseguiu com presteza deter o avanço dos espanhóis. O Conde, apesar dos seus 38 anos, já era tido como soldado notável e famoso; Frederico, o Grande, da Prússia, amigo e admirador do Conde, concedera-lhe a condecoração da Águia Negra, e o rei da Inglaterra o nomeara marechal de campo, depois da vitória de Minden, onde ele, como comandante da artilharia dos aliados, decidira a vitória.

Quando o Conde de Lippe chegou a Portugal, em 3 de julho de 1732, acompanhado de grande número de selecionados oficiais alemães e ingleses, viu-se diante do problema, não somente de deter o inimigo invasor, como ainda de transformar as tropas improvisadas em um exército moderno e disciplinado. E ele, o advena, con-

seguiu desobrigar-se dessa difícil missão. Durante o espaço de dois anos, que permaneceu em Portugal, segundo o depoimento irrestrito dos historiôgrafos portugueses, conseguiu êle, pela adoção de muitos regulamentos bélicos e militares impregnados do espírito prussiano, segundo os postulados de Frederico, se fazer o organizador e renovador do exército português. Introduzindo uma disciplina férrea, regulamentos rígidos de serviços e adestramento e uma justiça militar segundo os princípios modernos, o exército português tornou-se “uma máquina bélica perfeita digna de qualquer país europeu” (1). Silva Barros comenta as atividades do Conde do Império como segue:

“Entretanto, até hoje, nenhum legislador militar, em tôda a humanidade, fôra dotado de tanto poder de síntese” (2).

Efetivamente, foi o Conde de Lippe uma grande personalidade militar, que soube não somente insuflar um novo espírito ao exército português, como ainda muito mais influiu decisivamente para fecundar tôda a arte bélica. O Conde Imperial foi o primeiro a introduzir no seu minúsculo Estado o serviço militar generalizado, fundando, após o seu regresso de Portugal, perto de Bückeburgo, a mais tarde famosa Academia de Guerra Wilhelmstein no lago de Steinhude, e na qual ensinava as suas idéias revolucionárias sob o ponto de vista estratégico-militar. Um dos seus discípulos, o grande general prussiano Gneisenau, que saiu da sua escola, como também o famoso general Scharnhorst, escrevia a propósito do Conde Imperial:

“Muito se tem glorificado o Conde de Lippe, mas não tanto como merece, foi muito maior do que o representam... O armamento do nosso povo, em 1813, a formação das milícias e das reservas, a concepção mais moderna da guerra, tudo êle planejou e executou, de maneira profunda, desde as linhas gerais aos mais pequenos pormenores... Imagine-se a estatura dêste homem de cujo espírito tão avançado em relação ao tempo, brotaram os mais claros pensamentos estratégicos, ante cuja realização ruiu completamente o poderio de Napoleão” (3).

Em se levando em conta a sua personalidade, não é de causar espanto que o Conde de Lippe tivesse conseguido, a despeito da

“persistente e surda má vontade da maior parte dos fidalgos, militares e não militares” (4)

---

(1). — *Strassen e Gândara*, pág. 263.

(2). — Pág. 241.

(3). — *Strassen e Gândara*, págs. 261 e segs.

(4). — *Sales*, pág. 94.

dar cumprimento tão brilhantemente à missão que lhe fôra confiada em Portugal, influiu tão decisiva, duradoura e satisfatoriamente na organização do novo exército, e isso pela sua concepção austera das coisas militares e suas virtudes como soldado. Mesmo ainda após o seu retôrno à pátria, o exército português ainda continuava a manter com êle as mais estreitas relações, aceitando os seus ensinamentos; de 1767-1768 ainda consentiu em passar uma longa temporada em Portugal em serviços de inspeção.

Quando o Conde de Lippe regressou à Alemanha, em 20 de setembro de 1764, constituia a sua maior ambição a continuidade do desenvolvimento do exército português. Compreensível é, pois, que aspirasse confiar o destino da sua obra a um homem que conhecera como subalterno, discípulo e amigo, e cujas virtudes militares, capacidade bélica e competência lhe fôssem familiares. Sua escôlha recaiu no general ajudante, durante a campanha de 1762, João Henrique Böhme, conhecido em Portugal e no Brasil pelo apelido "de Bohm". Böhme era natural de Bremen, onde nasceu em 20 de junho de 1708. A



Fig. 1. — Braço da família Böhme.

respeito de sua família não foi possível conseguir-se dados mais pormenorizados, por isso que os arquivos de Bremen, que poderiam fornecer algo a propósito, encontram-se na zona soviética, de difícil acesso. Sabemos, entretanto, que Böhme, em 1730, entrou para o exército prussiano, tendo-o abandonado em 1750 para incorporar-se ao pequeno exército do Conde Frederico Guilherme de Schaumburg-Lippe. (A assertiva de F. Sommer de ter estado Böhme a serviço da Áustria e que tenha adquirido a cidadania austriaca parece não ser procedente). Em 1753, foi Böhme promovido a capitão do regimento de infantaria, e, um ano mais tarde, a major. Em 2 de dezembro de 1756 foi designado pelo Conde de Lippe para as funções de subcomandante da fortaleza de Bückeburgo. No posto de tenente-coronel e sob o comando do Conde Imperial, o qual, como aliado do rei da Prússia, fôra nomeado comandante da artilharia prusso-anglo-hanoverana, tomou parte na Guerra dos Sete Anos.

Em 14 de outubro de 1758, Böhm deu baixa como comandante da infantaria das forças de Schaumburg-Lippe para entrar a serviço na sua cidade natal, Bremen. Em 11 de janeiro de 1759 foi instituído comandante da cidade e do batalhão de Bremen. Qual fôsse o grande conceito que desfrutava junto ao Conde Imperial, comprova melhor a circunstância de haver o mesmo insistido, em 1762, para acompanhá-lo a Portugal, na qualidade de seu ajudante general pessoal. Assim, participou Böhm, de modo saliente, na reorganização do exército português. Todavia, a situação militar em Portugal e a xenofobia portuguesa de tal modo tornaram espinhosa e dificultosa a permanência em Portugal que Böhm aproveitou, valendo-se da primeira oportunidade que se lhe apareceu, para dar baixa no serviço, retornando ao seu posto em Bremen. Em 1762 escrevia Böhm em seu diário, tão precioso para a história da campanha de 1762 (5):

“...je ne voudrais pas me demeurer dans le Portugal si S. M. me fit son premier général”.

No comunicado que o Conde de Lippe dirigiu ao Marquês de Pombal, por ocasião da saída de Böhm, lê-se:

“Je dois rendre justice à cet officier qu’il a servi dans le poste de adjudant-général d’Infanterie dans l’armée de Sa Majesté Très-Fidèle pendant cette campagne avec un zèle et une application distinguée, remplissant les devoirs de cette charge importante d’une manière qui lui fait honneur”.

Strassen e Gândara acentuam que Böhm deixou em Portugal, após a sua primeira estada “nome brilhante de oficial bravo, disciplinado e competentíssimo”. Escreve Sales (6) sobre o conceito de que gozava Böhm junto ao Conde Imperial:

“O Conde de Lippe, que bem conhecia este oficial e lhe admirava as altas qualidades de militar disciplinador e sabedor de seu ofício, empregou todos os meios de o fazer regressar a Portugal, onde o deixaria como fiel continuador do seu trabalho de restauração militar.”

E, no comunicado pessoal que o Conde Imperial de Portugal dirigiu a Böhm, assim rezava:

“S. M... désire que vous vous déterminiez à retourner en Portugal afin d’y exercer la charge de Marechal de champ... surtout pour contribuer à la conservation de la discipline et la tactique qu’Elle a établie dans son armée depuis la dernière paix...” (7).

(5). — Diário na “Seção de Reservados” da Biblioteca Nacional de Lisboa.

(6). — Pág. 160.

(7). — *Ibidem*, pág. 160.

Dai se infere indubitavelmente que Böhm, contrariamente ao que supõe F. Sommer, não foi ajustado diretamente em Bremen para o Brasil, mas que foi expressamente convidado para suceder ao Conde Imperial em Portugal. Depois de breves negociações, Böhm não opunha mais as suas antigas reservas, aceitando a magnifica proposta que lhe apresentava Pombal. Deu baixa definitiva nos serviços em Bremen, transferindo-se para Portugal em 17 de janeiro de 1765, levando a espôsa Agnes Judith Sibylla de Dinklage.

Böhm fixou residência em Lisboa, desempenhando as suas funções a inteiro contento dos seus mandatários. Quando o Conde Imperial esteve pela segunda vez em Portugal, de setembro de 1767 a março de 1768 Böhm já estava no Brasil — e com grande satisfação relatava que as tropas portuguesas

“em consequência da aplicação em todos os pontos do serviço e da disciplina militar demonstravam grandes progressos em todos os setores” (8).

Já em 26 de junho de 1767 comunicava Böhm ao Conde de Lippe que o Rei o promovera, em 22 do mesmo mês, ao posto de marechal de campo, instituindo-o, ainda, comandante de todas as tropas de todas as armas do Brasil, pelo que iria partir para aquêlo destino.

Tratava-se de funções muito honrosas, por isso que o império colonial sul-americano, após a perda das Índias, e por sua riqueza em ouro e pedras preciosas, tornara-se no século XVIII de capital importância para Portugal. A parte mais considerável dos meios de que Pombal lançou mão para a concretização dos seus planos reformadores e para o soerguimento da cidade de Lisboa, destruída em dois terços pelo terremoto de 1755, era proveniente do Brasil. Durante a guerra dos Sete Anos, porém, ficara evidenciado do perigo em que incorreria êsse império colonial, no caso de guerra, se não estivesse a salvo por uma organização militar em melhores moldes e um exército bem adestrado. As tropas espanholas, então comandadas pelo Governador Don Pedro de Ceballos, sem que encontrassem resistência ao sul do atual Uruguai, após a tomada de Colônia do Sacramento, em 20 de outubro de 1762, ocuparam de surpresa os fortes fronteiriços Santa Teresa e São Miguel, ao sul da Lagoa Mirim, conquistando, além disso, a então mais importante cidade sulina São Pedro do Rio Grande, inclusive a barra da Lagoa dos Patos, único e importante acesso para todo o *hinterland*, sem embargos da guarnição e do povo. Estava, pois, aberto o caminho para Rio Pardo, a leste da Lagoa dos Patos, e pelo qual os espanhóis facilmente prosseguiriam na avançada, se não tivessem sido impedidos pela paz de Fontainebleau ou de Paris. Por outro lado, os espanhóis não pretendiam dar exaço aos dispositivos daquele pretenso tratado de paz, restabelecendo as antigas fronteiras. Restituíram tão somente a Colônia do Sacramento, assegurando as suas posses perto de Bagé, com a construção do forte de Santa Tecla, estabele-

(8). — Sales, pág. 176.

cendo concomitantemente uma segura base de operações para a execução de planos de conquista de grande alcance. Assim, de modo efetivo, fazia avançar a Espanha as suas fronteiras do Rio da Prata à barra da Lagoa dos Patos e quase até o Rio Jacuí, notando-se que a Colônia do Sacramento, anteriormente de vital interêsse para Portugal, ficara relegada a um enclave de reduzida importância.

Como os atritos militares e políticos, provocados pela atuação dos espanhóis, que infringiam os tratados com referência ao Brasil Meridional, não tivessem cõbro, julgou o Marquês de Pombal ser de bom alvitre comissionar o marechal de campo João Henrique Böhm,

“um dos mais hábeis e bravos oficiais do Conde de Lippe” (9).

Para organizar *in loco* um aparelhamento militar possivelmente nos moldes de torná-lo independente de auxílios e aprovisionamento europeus. Outrossim, estava o Marquês de Pombal convencido de que enviava à América do Sul um dos seus mais experimentados e capazes cabos de guerra, por isso que escrevia ao Vice-rei Conde da Cunha, fazendo-lhe as referências:

“O tenente-general João Henrique Böhm é certamente um oficial de guerra consumado, por ciência, experiência, valor, probidade, docilidade e cortezania... de sorte que é capacíssimo de fazer aí grandes serviços a S. M...” (10).

Böhm encontrou no Brasil condições análogas às que o Conde de Lippe deparara em Portugal, quando lá chegou em 1762. A propósito, então escrevia êle no seu diário:

“Le disordre, la confusion, le peu de discipline dans les régiments, l'ignorance, la paresse et la mauvaise volonté des officiers de l'armée portugaise ne peuvent se comprendre. ...Les vouloir changer, il faudra commencer pour casser toute l'armée, et ne reprendre qu'un très petit nombre de bons officiers que s'y trouvent, car, sur le pied où l'armée se trouve actuellement, on ne doit s'attendre à rien de bon” (11).

E mesmo aqui na colônia as circunstâncias eram ainda mais precárias do que na metrópole. A alimentação e o vestuário eram péssimos, os soldados, além de mui baixos, eram pagos irregularmente, atrasando, às vêzes, mais de um ano, de modo que os soldados se viam na contingência de recorrer à mendicância ou ao roubo, quando não preferiam a deserção, para a qual, por assim dizer, não havia punição. O adestramento, armamento e equipamento das tropas deixavam muito a desejar, e a oficialidade, que geralmente quase na-

(9). — Varnhagen, *História Geral*, IV, pág. 245.

(10). — *Ibidem*, anotação 62.

(11). — *Sales*, pág. 52.

da entedia da profissão, não gozava de bom conceito. Em geral, a carreira das armas era considerada desprezível, por isso que estava integrada preferencialmente por malandros enviados pela metrópole, mesmo porque o Governo Colonial defendia o ponto de vista de que agricultores e colonos ficassem o quanto possível afastados do serviço militar.

A missão de Böhm consistia precipuamente na formação de um exército no Brasil “nos moldes do reino” (12), isto é, pôr em execução as reformas do Conde de Lippe, criando um exército colonial equipado para entrar em ação. Para o êxito dessa empresa foram postos à sua disposição setenta oficiais, adestrados segundo os postulados do Conde de Lippe, entre os quais constava que havia muitos estrangeiros, alguns alemães. Alguns deles já se encontravam no país desde 1764; outros, porém, parece provável que foram enviados de Portugal ao Rio Grande somente no advento da campanha de Böhm. Como Inspetor Geral do corpo de engenheiros e da artilharia foi comissionado o sueco, Brigadeiro Jaques Funck, o qual anteriormente, como Böhm, estivera a serviço da Prússia, e se incorporara ao exército português em 1764, no posto de tenente-coronel de engenheiros. Finalmente, ainda para conseguir o seu intento, recebeu Böhm alguns regimentos de Portugal, de modo que a guarnição do Rio, núcleo central do novo exército colonial, era integrada por cinco regimentos de infantaria e um de artilharia, dos quais os efetivos compunham-se a metade de portugueses e a metade de forças locais.

Com a mesma tenacidade do seu mestre, o Imperial Conde de Lippe, manifestada em Portugal, pretendia João Henrique Böhm insuflar no ânimo das tropas do Brasil a concepção de disciplina e de responsabilidade, como ainda um novo espírito militar. Começou introduzindo as regras de exercício lippe-prussianas e os dispositivos para os desenvolvimentos em campo aberto, e insistia reiteradamente no exato cumprimento dos regulamentos sobre o adestramento e instrução sobre recrutamento, ordem e disciplina, promoções por merecimento, jurisdição militar, pagamento de etapas e organização das diferentes armas. Como Böhm agisse com severidade e dureza, a princípio viu-se a braços com dificuldades e oposições, como acontecera ao Conde de Lippe em Portugal, mesmo porque provavelmente tenha incorrido em erros naquele novo e estranho ambiente. Em todo o caso, reclamava a oficialidade que Böhm exigia a observância de normas que anteriormente não eram previstas. Certamente não erramos, atribuindo também a êle aquêlê conceito de Barros sobre Lippe:

“era duro, firme, resoluto, severo em extremo e incarnava bem o espírito alemão do seu tempo” (13).

Além disso, era Böhm de caráter taciturno, reservado e desconfiado, que não costuma ser apreciado pelos meridionais. Dêsse mo-

(12). — *Carneiro*, pág. 1197.

(13). — *Pág.* 241.

do, eram bem tensas as relações entre êle e a officialidade, quando, dois anos depois da sua chegada, veio para o país o novo Vice-rei, Marquês do Lavradio, em 1769. Todavia, essas relações modificaram-se por completo no decorrer dos anos; officiaes e soldados, pouco a pouco, iam reconhecendo, que Böhme, não sòmente lhes fazia exigências, como também se preocupava sinceramente pelo bem-estar, pela saúde, pela pontualidade no pagamento dos soldados, alimentação e equipamento. Verificavam, ainda, que qualquer infração disciplinar, sendo severa e duramente punida, não impedia que fòssem premiados, com absoluta equidade, o zêlo no cumprimento do dever e a bravura. A simplicidade pessoal de Böhme, e desprezencioso como era, sua insensibilidade e dureza não podiam, no decorrer dos tempos, falhar nos seus efeitos, nem entre os soldados nem entre a officialidade, e assim, maximé na campanha do Sul, ficou sendo o exemplo acatado e querido da soldadesca e da officialidade.

Nessa ordem de considerações releva ainda ponderar que as reformas militares do Conde de Lippe, introduzidas no Brasil por Böhme, são relacionadas com a adoção de castigos corporais na tropa; entretanto, tais providências haviam substituído as punições arbitrarias e a tortura, usuais no exército portuguez desde a era medieval. Os castigos corporais, sòmente admitidos consoante a legislação militar, constituiam, dessa forma, como alega Silva Barros (14), um essencial abrandamento dos costumes. Agora eram os tribunais militares, cuja composição e atribuições estavam constituídas inequívoca e delineadamente, que puniam. Verdade é que as punições eram, de acòrdo com a época, de muita dureza; entretanto, o último dos soldados agora estava seguro de que se tratava de decisões justas, e libertado dos caprichos e arbitrariedades dos seus superiores.

As exprobações contra os regulamentos de adestramento, exercícios e sobretudo penas disciplinares, introduzidas no Brasil por Böhme, e que eram consoantes as prusso-alemãs do século XVIII, sòmente poderão ser equitativamente aceitáveis, por isso que foram conservados no Brasil sem modificações essenciaes, até pela era republicana afora. De fato, a principal obra legislativa-militar do Conde de Lippe, o seu **Regulamento para o exército e disciplina dos regimentos de infantaria** de 1763, foi adotada quase sem restrições e aplicada a tódas as armas durante o reinado de Dom Pedro II, ficando em vigor até 1895, com algumas modificações, adendos e mutilações, quando já se achava há muito superada e em desacòrdo com o espirito da época. Isso e o fato que alguns dispositivos tem sido mantidos até na atual legislação militar demonstra por outro ângulo, quão relevantes e de grande alcance foram a seu tempo para o Brasil as reformas do Conde de Lippe e de Böhme; como conseguiram maior enraizamento no Brasil do que mesmo em Portugal, que, nesse particular, passou por uma completa transformação não extensiva ao Brasil. Historicamente apreciadas a regulamentação e legislação do Imperial Conde de Lippe constituem um elo necessário no desenvolvimento do exército brasileiro, pois carecendo da introdução de

---

(14). — Pág. 241. Anotação.

uma disciplina rigorosa seria, quiçá, impossível a formação de um aparelhamento bélico em um país sem tradições militares e no qual o serviço militar era tido como desprezível. E certamente ainda nessa ordem de considerações é mais do que meramente interessante ter o general de brigada Rodrigues da Silva (15) conceituado

“a medonha disciplina de ferro do Conde de Lippe”  
no exército brasileiro, como “grande fator no triunfo final da campanha do Paraguai” (1865-1870).

Certo é, em todo caso, haver João Henrique Böhm se desobrigado da incumbência que lhe fôra atribuída com rigorosa disciplina, entretanto sem crueldade, com acendrado espírito e justiça e providentemente para com a sua tropa, o que mais tarde ficou evidenciado na campanha do Rio Grande do Sul. Assim o testemunha o Vice-rei, Marquês de Lavradio, que reconhece em Böhm um excelente inspetor, cuja tropa já dois anos depois estava muito bem adestrada, estando aprovionada de tudo quanto era necessário (16). Entretanto, a missão de Böhm não estava adstrita a introdução de regras de Lippe, legislação e regulamentos, mas abrangia, outrossim, a organização de toda a tropa do Brasil Meridional. Quando chegou, não encontrara o marechal de campo exército nenhum, e sim destacamentos esparsos enviados por Portugal, como também as milícias locais, convocadas esporadicamente, e subordinadas aos capitães gerais das diversas capitanias. As formações militares do Brasil não dispunham, dessa forma, de uma direção centralizada e comum e não tinham missão harmônica. A ação organizadora bélico-educacional de Böhm estendia-se a todo o atual Brasil Sul, uma vez que a totalidade das forças militares, pela primeira vez, ficara subordinada ao seu comando supremo. Eram-lhe dependentes, no setor militar, todas as autoridades políticas e civis e ele próprio estava sujeito só ao Vice-rei, e, mesmo assim, de modo restrito.

Nessa época foram aumentadas consideravelmente as forças coloniais (17). Em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul foram incorporadas companhias de dragões montados e de infantaria; outrossim, dava-se muita importância à cavalaria e, em quase todas as vilas, foram instituídos subcomandantes militares. Assim, em consequência das suas qualidades de organizador e de instrutor, João Henrique Böhm se fez o fundador do exército brasileiro, o que, aliás, não é referido na **História Militar**, de Gustavo Barroso; entretanto, o é reconhecido e muito por Oliveira Viana, Carlos Carneiro, Varnhagem e outros. O visconde de Pôrto Seguro, por exemplo, alega:

“No militar sabido... e ao Conde de Lippe remonta a base da organização do nosso exército...” (18).

---

(15). — Pág. 25.

(16). — *Carnaxide*, pág. 279.

(17). — Varnhagen, *História Geral*, IV, pág. 305.

(18). — Visconde de Pôrto Seguro (Varnhagen), *História Geral*, IV.

O que, entretanto, também é seguro é que a ação de Böhlm influiu mais profunda e acentuadamente na formação do exército brasileiro do que a do Conde de Lippe nas tropas da mãe pátria. Cidade (19), por exemplo, proclama:

“No entanto, a nova ordem de idéias, imposta pelo Conde Lippe, [por fôrça das atividades de Böhlm] arraigou-se mais no Brasil que em Portugal.”

Böhlm já se encontrava há sete anos no Brasil quando as relações entre Portugal e Espanha na América do Sul começaram a ficar cada vez mais tensas. Por isso foi nomeado comandante supremo de tôdas as tropas do sul e que tinham por escôpo a reconquista dos territórios perdidos. Como a barra da Lagoa dos Patos estivesse dominada pelos espanhóis, desembarcou Böhlm as suas fôrças em Laguna, de onde encetou a marcha para o Rio Grande do Sul, em dezembro de 1774. Preliminarmente tratou de inspecionar tôda a região do ponto de vista estratégico,

“e depois de ver e observar os lugares, portos e paragens mais importantes, escolher um sitio vantajoso e forte, em que possa unir as sobreditas fôrças, formando delas um pé de exército e ensinando-as a se formarem em batalha, e a todos os outros movimentos e manobras da guerra, dirigindo dali os postos avançados... [e] observando os movimentos dos castelhanos...” (20).

Como base para o grosso da sua tropa escolheu Böhlm a localidade de São José do Norte, em frente à cidade (São Pedro do) Rio Grande. Aí aguardava as fôrças e milícias que lhe haviam prometido do Rio e das capitânicas Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, que, então, abrangia o Paraná, e de Minas Gerais. Pela primeira vez na história colonial foram encontradas tropas originárias de um número maior de capitânicas para a formação de um exército com a missão para uma guerra comum, diferente de outras campanhas naquela época, e cuja importância era simplesmente local ou regional, enquanto que aqui tratava-se de questões super-regionalistas, que diziam respeito, se bem que não a tôdas as possessões portuguesas, pelo menos a todo o Brasil Meridional.

As fôrças que Böhlm concentrou nas proximidades de São José do Norte, dispondo-as à luta, compunham-se, segundo Tasso Fragoço, de 6717 homens, e representavam

“o maior exército que se reuniu no Brasil nos tempos coloniais” (21).

O comandante supremo foi obrigado a esperar durante quinze meses a chegada dos reforços prometidos e da esquadra, e até que

(19). — Pág. 697.

(20). — *Carneiro*, pág. 1196.

(21). — *Rio Branco*, pág. 692.

os soldados estivessem suficientemente adestrados e equipados. Nessa emergência conquistou Böhm a glória de dispor da tropa

“mais disciplinada e adestrada da era colonial”.

Sobre a composição dessas forças dá notícia um quadro geral das tropas na região de Laguna, organizado pelo próprio Böhm (1777) e que foi exibido no Rio por ocasião da “Primeira Exposição Geral do Exército” que, de certo modo, poderia também fornecer esclarecimentos a respeito de soldados e oficiais não portugueses que se encontravam nesse exército.

As forças espanholas, que reiteradamente recebiam reforços, eram superiores às portuguesas, bem adestradas, no que diz respeito ao equipamento e provisões, levando-se em consideração a vantagem de se acharem fortificadas na margem sul da barra da Lagoa dos Patos; dispunham aí, além das fortificações ao redor da cidade (São Pedro do) Rio Grande, das quatro baterias da Ponta da Mangueira, Trindade, Triunfo e Santa Bárbara (ou Mosquito) e ainda do forte Jesus com a fortaleza São José da Barra.

Parecia quase impossível pudessem ser desalojados da margem oposta, aliás uma tentativa anterior nesse sentido havia fracassado. Os espanhóis tinham os seus flancos protegidos pelo forte Santa Tecla, já citado, nas proximidades de Bagé, de onde dominavam toda a região até Rio Pardo.

O plano de Böhm consistia em aguardar a chegada da esquadra, sob o comando de Mac-Dowell, para atacar, amparado por ela, as posições inimigas, na frente das quais haviam ancorado cinco belonaves espanholas. Finalmente, em 19 de fevereiro de 1776 tentaram os navios portugueses, sob o fogo de 88 canhões dos navios inimigos e das baterias de costa, forçar a barra que dava pouco calado. Em virtude da violenta defesa inimiga, somente poucos navios conseguiram vencer aquela espécie de barra, um banco de areia à sua frente, onde, da parte dos portugueses, registaram-se 11 mortos e 30 feridos (segundo outros dados, 13 mortos e 26 feridos). Entre os mortos encontrava-se o comandante do navio capitânea “Graça Divina”, Capitão-tenente Frederico Kasselberg (segundo outros dados Steinberg), o qual atacara o navio capitânea do inimigo. Como houvesse malgrado o plano do aniquilamento da esquadra inimiga para atacar as posições espanholas, sob a proteção dos próprios navios, procurou Böhm, após a derrota naval,

“efetuar o plano que, há um ano, revolvía” (22).

No último dia do mês de março, aniversário da rainha D. Mariana, convocou a oficialidade na sua barraca, dando a cada qual uma determinada missão, como parte de uma ousada empreitada de surpresa. Esse plano, que até então houvera conservado sob o mais absoluto segredo, consistia num ataque pela retaguarda de ambos as baterias que protegiam os flancos da esquadra espanhola.

---

(22). — Visconde de São Leopoldo, pág. 144.



Fig. 2. — Mapa das imediações da cidade do Rio Grande e as posições das forças belligerantes antes da vitória de 1.º de abril de 1776, segundo Tasso Fragoso, A Batalha do Passo do Rosário.

aaa posição das fôrças luso-brasileiras.	Ilha e Forte do Ladino (b).
bbb posições dos espanhóis inimigos.	Bateria de Patrão ou das Figueiras (a).
Ilha Tororetama.	Bateria da Ponta da Mangueira.
Enseada do Tesoureiro.	Bateria de Trindade (b).
Ilha dos Marinheiros	Bateria de Conceição (a).
Cabo Avendano.	Bateria de Triunfo (b).
São José do Norte (a).	Estreito de Mangueira.
Ilha do Marcial.	Bateria de Mosquito ou Santa Bárbara (b).
Forte e Farol do Arroio.	Bateria de São Jorge (a).
São Pedro do Rio Grande do Sul.	Fortaleza de Barra (b).
Ponta da Macega.	Bateria de São Pedro da Barra.

Enquanto os espanhóis festejavam a vitória naval, realizou Böhm com a tropa uma ruidosa manifestação pelo transcurso do aniversário da rainha, para dar ao inimigo a impressão de segurança. Ao amanhecer do dia seguinte, determinou o marechal de campo que diversas unidades da tropa desembarcassem, por meio de lanchas e jangadas, surpreendendo o inimigo pelo lado, caindo na retaguarda das baterias, cujos canhões estavam assestados na direção para frente. Assim, as duas baterias, Santa Bárbara (Mosquito) e Trindade, puderam ser tomadas quase sem oposição, enquanto que as baterias Ponta da Mangueira e Triunfo foram abandonadas espontaneamente pelo inimigo apavorado. Concomitantemente, atacavam os navios portugueses a esquadra inimiga, que estava fundeada, e que após a queda da proteção dos seus flancos, se pôs em fuga, procurando atingir a barra. Três navios inimigos apenas escaparam, três naufragaram e dois foram incendiados. Logo depois via-se uma coluna de fogo e fumaça do incêndio que lavrava na poderosa fortaleza da entrada, São José da Barra, e que fôra ateado pela própria guarnição. Como Böhm não dispusesse de fôrças montadas, 200 homens conseguiram, marchando pela costa, atingir a fortaleza Santa Teresa, sem que fôssem molestados.

Entrementes, ordenou Böhm o desembarque de uma grande parte da sua tropa na margem sul, preparando o ataque às fortificações da cidade. A derrota do inimigo, entretanto, foi tão fragorosa que os espanhóis preferiram o abandôno sem luta de (São Pedro do) Rio Grande, inclusive o forte no Arroio Taím, que lhes protegia a retaguarda. Böhm ocupou de imediato a cidade, e seu primeiro ato foi mandar celebrar uma missa em ação de graças pela vitória alcançada à custa de tão poucas baixas. Nos hospitais deixaram os inimigos 80 soldados feridos, e nos depósitos e arsenal deparou-se com uma formidável prêsa de 129 canhões, 56 morteiros, 13 embarcações artilhadas e 98 barcos.

A vitória de Böhm foi completada pela tomada do forte de Santa Tecla, por isso que os seus planos de campanha não estavam adstritos às operações nas proximidades do Rio Grande, e, sim, previa diversas providências no interior. Daí haver Rafael Pinto Bandeira atacado Santa Tecla com 400 a 500 praças e cuja guarnição já se entregara em 26 de março. Em 31 de outubro, o mesmo subalterno ocupou finalmente a trincheira São Martinho, no planalto, e que constitui a posição chave para o território das Sete Missões.

Assim, excetuada essa região, então ainda reconhecidamente espanhola, o atual Estado do Rio Grande do Sul cuja maior parte du-

rante 13 anos estivera sob o jugo espanhol, havia voltado ao domínio português. O merecimento pela reconquista dessa região, que ficou assegurada para o Brasil, indubitavelmente cabe em grande parte à extraordinária personalidade do general alemão, procedendo o conceito a seu respeito do Visconde de São Leopoldo:

“Tudo dispunha e via o general, e com sua presença e palavras a todos dava coração: maravilha foi o segredo e disfarce com que se fizeram os aprestos que nem mesmo o perceberam os outros chefes...” (23).

Os planos estratégicos de Böhm visavam, porém, maior alcance. Pretendia êle a reconquista não somente do Rio Grande do Sul, como ainda do Uruguai, inclusive a Colônia do Sacramento, para o que a tomada do importante pôrto (São Pedro do) Rio Grande era uma preliminar. E o curso da história do Uruguai quiçá fôsse outro, se Böhm tivesse tido ao seu dispor os necessários meios, considerando-se, ainda, que Böhm não tinha em mente apenas conquistar, mas seus planos visavam muito mais, isto é, se relacionavam com o povoamento do sul, até então quase completamente desabitado.

Talvez sugerido pelo exemplo de Frederico, o Grande, pensava na colonização por meio da pequena agricultura na região. para qual finalidade pretendia o aproveitamento dos seus soldados, tão logo a paz fôsse conseguida. Sômente 50 anos mais tarde (1824) podia ser concretizado, pelo menos em parte, o projeto de Böhm, em se estabelecendo ao norte de Pôrto Alegre importante centro de abastecimento e também de recrutamento, a “Colônia Alemã de São Leopoldo”. Levando-se em consideração tais projetos, parecem infundadas as críticas de Lavradio sôbre Böhm (24), em um comunicado destinado ao seu sucessor, increpando-o por não haver avançado, por indecisão pessoal, deixando de aprisionar o general inimigo com as suas tropas.

E’ verdade que Böhm não jogava com os azares da guerra, mas era um ofical precavido, prudente e ponderado. O formidável aprestamento posto em execução pela Espanha, logo após a queda do Rio Grande, o constrangeu a que suas tropas fôssem lançadas com as devidas precauções, consolidadas as posições conquistadas e renunciando aos projetos de maior alcance. A Espanha, reconhecendo os perigos que representava o disciplinado exército colonial português, já em 1776 instituiu um forte govêrno central em La Plata, criando o Vice-reinado. Don Pedro de Ceballos, que anteriormente, como governador de Buenos Aires, conquistara a Colônia do Sacramento e a parte meridional do Rio Grande do Sul, foi nomeado Vice-rei e Comandante supremo, com amplos poderes, e enviado à América do Sul com tropas superiores às de Böhm, sob qualquer ponto de vista, e com a incumbência de resolver as questões de limites, de modo definitivo e favorável à Espanha, e simplesmente com a incorporação ao novo Vice-reinado de tôda a região até a ilha de Santa

(23). — Pág. 146.

(24). — Carnaxide, pág. 281.

Catarina, reivindicada pelos espanhóis. A armada de Ceballos compunha-se de 19 navios de combate, 96 de transporte e 9000 homens de desembarques, ou seja, um exército inimigo como jamais vira o litoral brasileiro, depois da invasão holandesa.

Enquanto a Espanha enviava tais elementos, deixava Portugal Böhm sem qualquer amparo, sendo insuficiente o auxílio do governo colonial. Logo após a sua chegada, tentou Ceballos jugular o centro de gravidade dos portugueses no Sul, a cidade de (São Pedro do) Rio Grande, para cuja defesa tomara Böhm tôdas as medidas ditadas pela prudência, apoderando-se Ceballos, de passagem para o Prata, da ilha de Santa Catarina, cuja guarnição capitulou sem disparar um tiro. Böhm, reconhecendo o perigo que pairava sobre Laguna, importante pôrto de reserva e aprovisionamento ao sul da ilha de Santa Catarina, enviou para lá um destacamento, impedindo, assim, que também caísse nas mãos do inimigo. Depois da ocupação daquela ilha, Ceballos, partindo do Prata, mandou arrazar a fortaleza da Colônia do Sacramento. Tornou-se, então, crítica a situação de Böhm, pois Ceballos se aprestava para, com base no Uruguai e na ilha de Santa Catarina, encurralar as forças portuguesas. Das providências estratégicas e da perícia de Böhm estava dependendo a sorte do Brasil meridional, cumprindo ainda considerar a superioridade naval dos espanhóis e que eram periclitantes as comunicações com o norte.

“Com o discernimento próprio do seu militar talento, dispôs-se o general Böhm a repelir o inimigo: chamou o grosso das forças ao forte de Arroio [perto da cidade do Rio Grande], deixando guernecida a fortaleza da Barra...” (25).

Ceballos, que o sabia um cabo de guerra experimentado, tomou as suas providências, usando de muita cautela e sem precipitações, antes de encetar a marcha sobre (São Pedro do) Rio Grande. Parecia estar iminente uma sangrenta batalha decisiva, quando da Europa chegou a ordem de suspensão das hostilidades.

Em 1.º de outubro de 1777, após o falecimento de D. José I e da demissão de Pombal, foi assinado o tratado de paz de Santo Ildefonso, entre Portugal e Espanha, pelo qual o atual Uruguai com a Colônia do Sacramento tiveram de ser cedidos aos espanhóis, ficando, porém, sob a jurisdição portuguesa a região defendida por Böhm com tanta proficiência, abrangendo o território de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, cujas áreas ficaram, dessa forma, salvaguardadas para o futuro território brasileiro. O marechal de campo Böhm fez jus à glória de haver defendido o Brasil Meridional com tropas que, se estavam bem adestradas, estavam mal municadas, contra um exército numericamente superior e em melhores condições de equipamento. Na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico” (26), são os feitos de guerra de Böhm considerados como

(25). — Visconde de São Leopoldo, pág. 162.

(26). — N.º 65, parte I.

“talvez os mais distintos da história do Brasil, se bem se atendessem as circunstâncias...”.

Evidentemente, os sucessos históricos de Böhm tiveram maior repercussão durante a sua vida do que na época presente, pois, regressando ao Rio de Janeiro, êle e sua tropa tiveram uma recepção assás carinhosa. A respeito escreve êle no final de suas **Memoires relatifs à l'expédition au Rio Grande etc.**, em janeiro de 1779:

“Le soir du 31 Janvier nous arrivames à Rio de Janeiro ou le Marquis Vice-Roi me reçut, avec toutes les demonstrations de contentament, d'attention et d'amitié. Le public même en général parut temoigner de la satisfaction de nôtre retour”.

Já em 21 de novembro de 1776 havia Böhm recordado por escrito ao Marquês de Pombal que haviam decorrido quatro anos do seu pedido de dispensa da comissão, por isso que

“o clima do país, tão salutar à maioria dos forasteiros, pelas muitas doenças e achaques a que estou sujeito, arruinaram de tal maneira a minha saúde que eu me sinto debilitado física e psiquicamente”.

A despeito dessa petição, permaneceu Böhm no Rio mesmo depois da campanha, dedicando-se ainda ao aperfeiçoamento do exército e à defesa da colônia. Durante as lutas no sul, falecera a esposa que, ao partir (1774), deixara doente no Rio. Segundo refere o Pastor F. L. Langstedt, que esteve no Rio de Janeiro em 1781, e que no ano de 1789 editou uma obra em Hildesheim, sua irmã dirigia então a casa do general.

O quanto era benquistado aquêlê oficial taciturno e reservado pela população ficou evidenciado quando êle, em 14 de julho de 1782, teve uma queda do cavalo, ferindo-se com grave perigo de vida, resolvendo então, em face da morte, converter-se do credo protestante para o seio da igreja católica. Quando tal atitule caiu no domínio público, tôda a população da cidade acorreu à casa do general para participar das solenes cerimônias, com a presença dos mais altos dignitários da Igreja. Tanto a conversão como o restabelecimento inesperado da saúde foram comemorados por solene **Te-Deum** e pela celebração de missas, no que tomou parte tôda a população do Rio de Janeiro. A “Gazeta de Lisboa”, de 3 de dezembro de 1782, faz um relato pormenorizado do evento que tão profundamente deve ter impressionado a população do Rio. Em 22 de dezembro do ano seguinte, 1783, finalmente foi João Henrique Böhm chamado à eternidade. O religioso do Convento de Santo Antônio, onde Böhm foi sepultado, exarou no obituário respectivo o seguinte registro:

“Sepultura 3a. (E' a antiga, guarnecida e coberta de mármore) — O Tenente General João Henrique Bohe-

mi (sic), depois de convertido à nossa Fé em 25 de julho de 1782; homem na verdade, que antes de convertido era adornado d'excelentes virtudes morais e depois foi edificante cristão, cheio de probidade, cuja vida exemplificou esta Cidade e sua morte encheu a todos de consolação na inconsolável pena de perderem tão inclito defensor.”

A biografia do “vencedor do Rio Grande”, o qual, no “Boletim do Centro Rio Grandense de Estudos Históricos” (28), é retratado como “uma das mais impressionantes figuras militares” da era colonial, ainda não foi escrita, evidentemente por ser empresa dificultosa, a de recolher os dados esparsos em três países. Além do “Diário”, já citado, encontram-se na biblioteca de Lisboa as epístolas trocadas entre o Conde de Lippe e Böhm (1754-1764), e a correspondência entre Böhm e Lavradio (1774-1779), sendo que as cartas de Lavradio a Böhm, daquela época, estão publicadas no citado “Boletim do Centro Rio Grandense”. Em Lisboa encontram-se, ainda, sob “Reservados”, cota 1.611, as *Memoires relatifs à l'expédition au Rio Grande, de laquelle je fus chargé par le roi, Dom José I depuis le Decembre 1774 jusqu'à l'an de 79*, enquanto que as igualmente preciosas *Précis de la guerre de les Missions* não lograram publicação, sendo conservadas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

As atividades de João Henrique Böhm para o Brasil não importaram tão somente por haver lançado os fundamentos do exército brasileiro e porque defendera tão gloriosamente o sul, relevando, sobretudo, as conseqüências políticas da sua atuação. O conhecido sociólogo Oliveira Viana assim se refere (29):

“E' um novo órgão que surge na estrutura militar e política da colônia, sob pressão das guerras externas. Sai-se com êle do regime dispersivo e fragmentário dos pequenos campos regionais, independentes uns dos outros, para um sistema mais vasto de articulação e unidade, em que os nódulos de defesa, disseminados pelas capitânicas, começam a se coordenar em tórno de um centro comum” (Rio de Janeiro),

e Felisberto Freire, segundo Carneiro (30), refere sôbre a atuação de Böhm:

“Tratava-se de organizar um exército debaixo das mesmas leis, da mesma direção, da mesma disciplina e que fôsse a expressão do sentimento geral da defesa. Foi mais um fator lançado no século XVIII da unidade do país, já existente em sua religião, em sua língua e em seus costumes”.

---

(28). — Ano I, outubro de 1939, 11a. anotação.

(29). — *Evolução do Povo Brasileiro*, pág. 268.

(30). — Pág. 1198.

A nova organização militar apresentava, a par do Vice-reinado, que, em comparação aos governadores, era de natureza mais decorativa, a primeira organização vigorosa que podia vincular as diversas capitanias do sul na direção da futura capital do País. Tratava-se, pois, de uma organização que reagia contra a evolução para o regionalismo alimentado pelos fatores históricos e naturais e contra uma possível dissolução no evento da proclamação da independência. A ação de Böhm, que congregou e comprometeu toda a população e núcleos coloniais do sul em torno do ideal da defesa comum, encarada pelo ângulo da história, foi de importância decisiva na evolução da colônia luso-sulamericana, para sedimentar-se na unidade política nacional brasileira.

CARLOS H. OBERACKER Jr.

#### FONTES E BIBLIOGRAFIA

- Comunicações do “**Verein für schauburg-lippische Geschichte, Altertümer und Landeskunde e. V.**” (Dr. Michels), Bückeburg, Alemanha.
- BARROS, Capitão Silva, **Estudo do direito penal militar brasileiro**, in “Revista Militar Brasileira”, Ano XX, Vol. XXIX, julho a setembro de 1930, Imprensa Militar, Rio, pág. 239 e seg.
- BARROSO, Gustavo, **História Militar do Brasil**, 2a. edição, Cia. Editora Nacional, “Brasiliana”, vol. 49, São Paulo, 1938.
- BOITEUX, Lucas Alexandre, **Notas para a História Catarinense**, Livraria Moderna, Florianópolis, 1912.
- CARNAXIDE, Visconde de, **O Brasil na administração Pombalina**, Cia. Editora Nacional, “Brasiliana”, vol. 192, São Paulo, 1940.
- CARNEIRO, Carlos, **História Militar**, in “Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil”, pág. 1196 e seg.
- CIDADE, Francisco de Paula, **O Exército Brasileiro no Período Colonial**, Livraria J. Leite, Rio, Separata 107.
- FRAGOSO, Tasso, **A Batalha do Passo do Rosário**, Imprensa Militar, Rio, 1922.
- PARANHOS, José Maria da Silva, v. Rio Branco, Barão do.
- PINHEIRO, José Feliciano Fernandes (Visconde de São Leopoldo), **Annaes da Provincia de São Pedro**, 2a. edição, Typ. de Casimir, Paris, 1839.
- RIO BRANCO, Barão do (José Maria da Silva Paranhos), **Efemérides brasileiras**, publicação integral com os complementos organizados pelos srs. Dr. José Vieira, Fazenda e Basílio de Magalhães sob a direção do sr. Dr. B. F. Ramiz Galvão, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1918.
- SALES, Pe. Ernesto Augusto Pereira, **O Conde de Lippe em Portugal**, Publicação da Comissãc de História Militar II, Vila Nova de Famalicão, 1936-1937.
- SÃO LEOPOLDO, Visconde de, v. Pinheiro.
- SILVA, José Luís Rodrigues da, **Recordações da Campanha do Paraguai**, Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo.

- SOMMER, Friedrich, **Deutsche Charakterbilder aus der brasilianischen Geschichte, vermehrt und neu bearbeitet**, Rotermund & Cia. São Leopoldo.
- SOMMER, Friedrich, **Die Deutschen in São Paulo**, 3 tomos, manuscritos no Instituto "Hans Staden", São Paulo
- SOMMER, Friedrich, **Beiträge zur Siedlungs-, Sippen- und Familien, geschichte der Deutschen in Brasilien** em: "Volk und Heimat", Jahrbuch des Deutschtums in Brasilien, ano de 1936 e seg. e uma continuação não publicada, editôra "Deutscher Morgen", São Paulo.
- SOMMER, Friedrich, **General Joh. Heinr. Böhm in der Militärgeschichte des kolonialen Brasiliens**, "Deutsche Nachrichten", São Paulo, 3 e 10 de setembro, 1949.
- STRASSEN, E. A., Gândara, **Oito séculos de História Luso-Alemã**, Inst. Ibero-Americano de Berlim, 1941.
- VIANA, Oliveira, **Evolução do Povo Brasileiro**, 3a. edição ilustrada, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1938.
- VARNHAGEN, Francisco Adolpho de (Visconde de Pôrto Seguro), **História Geral do Brasil**, 3a. edição, integral, 5 tomos, Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo.